

**VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO TRABALHO
O TRABALHO NO SÉCULO XXI:
MUDANÇAS, IMPACTOS E PERSPECTIVAS**

GT 18: Psicología Social del Trabajo en América Latina: Identidades y Procesos de Subjetivación, Salud de los Trabajadores, Prácticas y Producción de Sentidos en lo Cotidiano.

Título: Os Efeitos de Viver-Trabalhar em Universidades Públicas Federais Brasileiras

Autoras: Dulcinea Sarmento Rosenberg e Maria Elizabeth Barros de Barros

OS EFEITOS DE VIVER-TRABALHAR EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS BRASILEIRAS

RESUMO SIMPLES

A pesquisa apresenta os efeitos do viver-trabalhar em universidades federais, em especial, um dos fios de uma pesquisa que objetivou analisar o trabalho docente universitário do ponto de vista da atividade laboral: a validação dos resultados com os docentes participantes. No campo empírico – a Universidade Federal do Espírito Santo – algumas diretrizes da Clínica da Atividade viabilizaram a análise no e com um grupo constituído por 27 docentes. De acordo com a abordagem teórico-metodológica adotada, os registros imagéticos (vídeo, fotografias e e-mails) realizados por quatro docentes-protagonistas funcionaram como dispositivos dos movimentos dialógicos disparando a análise coletiva do trabalho pelos docentes em cinco encontros. No último deles, que foi dedicado a uma devolutiva e validação da pesquisa, reiterou-se que a ampliação do poder de agir do trabalhador implica a produção de estratégias para potencializar o poder de agir docente em meio aos desafios contemporâneos.

Palavras-chave: Trabalho docente universitário. Clínica da atividade. Análise da atividade de trabalho – dispositivos imagéticos.

OBJETO

Apresentamos os efeitos do viver-trabalhar em universidades federais, um dos fios de um estudo que buscou colocar em análise coletiva o trabalho docente universitário do ponto de vista da atividade laboral. Tratou-se de uma pesquisa intervenção a partir da Clínica da Atividade, idealizada pelos franceses Yves Clot e Daniel Faïta, em meados do ano de 1990. Uma abordagem teórico-metodológica, inscrita no campo da Psicologia do Trabalho, que como afirma o próprio autor: “Seu horizonte é o da corrente histórico-cultural em psicologia e em linguística, entre Bakhtin e Vygotski [...]” (CLOT, 2001, p. 1).

Para Clot (2006), a Clínica da Atividade diz respeito a uma clínica do real, preocupada em olhar o trabalho humano como um desafio psíquico decisivo para o sujeito. Nesse sentido, leva à compreensão da atividade como um exercício que convoca fortemente os trabalhadores a criarem e recriarem, cotidianamente, suas condições de vida, o que visa a produzir o enfrentamento do ineditismo das situações de trabalho. Essa é uma premissa definida pelo autor que tem se ocupado da análise do trabalho, tomando-o como objeto nas relações entre atividade e subjetividade. O trabalho, assim, é uma atividade concreta e irreduzível, produtora de subjetividade. Tal abordagem implica uma análise psicológica do trabalho, em que o conceito de subjetividade pode enriquecer os debates sobre o trabalho docente e suas singularidades, não se reduzindo a um mero produto do intercâmbio conjuntural e social entre sujeitos.

Nesses termos, a interlocução com a Clínica da Atividade ajuda a pensar a atividade do sujeito, como aquela que se dirige à dos outros, e também às suas outras atividades. Isto é, a atividade do sujeito não se volta unicamente para o objeto da tarefa. A atividade psicológica no trabalho é aquilo que se faz no universo dos outros para dele participar ou separar-se; é, também, o trabalho assumido pelo sujeito no âmbito do trabalho dos outros. Além disso, esse procedimento se deve à seguinte concepção: em qualquer que seja o trabalho, trabalhar é sempre, de alguma forma reconceber a tarefa, colocando-a a serviço da própria atividade ou daquela partilhada com os outros, é usar de engenhosidade para torná-la um instrumento da atividade partilhada, esforçando-se para comandá-la como um órgão vivo. Concebemos o trabalho como um processo coletivo e singular, de criação e recriação da história de um ofício; de criação e recriação da atividade de trabalho como processo de produção não só de coisas ou serviços, mas também de subjetividades.

O **trabalho** é visto não somente como trabalho psíquico, mas como uma atividade concreta e irreduzível. Melhor dizendo, a **atividade** é, para nós, o continente escondido da **subjetividade no trabalho**. É precisamente neste campo que se observa, do modo mais claro possível, o que nos convém nomear aqui a desrealização das organizações oficiais do trabalho contemporâneo (CLOT, 2001, p. 3, grifos meus).

OBJETIVOS

Assim, apostando nos princípios da Clínica da Atividade, buscou-se colocar em análise o trabalho docente em uma das universidades federais brasileiras, tendo como objetivos específicos: discutir como estão sendo engendrados os modos de produção da vida em meio aos processos de trabalho docente universitário; analisar os efeitos das formas de organização e gestão do trabalho na vida desses trabalhadores e as relações que emergem do e no desenvolvimento das atividades laborais; colocar em discussão os sentidos¹ que os professores atribuem à sua atividade de trabalho.

METODOLOGIA

Na Clínica da Atividade, Clot (2006) e Faïta (2005) apostam na Autoconfrontação Cruzada, usando como dispositivos os registros imagéticos de situações de trabalho. Os autores têm constatado que a confrontação do trabalhador com sequências de imagens relativas à sua atividade induz os trabalhadores a comentários dirigidos ao pesquisador, colega de trabalho e/ou ao coletivo, não isentos de sentidos para o trabalhador. Na opinião de Clot (2000), um exemplo disso é o esclarecimento sobre os detalhes da atividade se revestir em particularidades, dependendo de quem é o seu interlocutor. Trocas acontecem, evoluindo de modo alternado sobre os registros do questionamento, da crítica, do começo de conflito, do consenso etc. Os pressupostos que os participantes detinham no início da confrontação acabam não resistindo ao processo dialógico, cuja dificuldade, o caráter instável, ocasiona o desequilíbrio, o que lhes imprime um movimento qualificado por Clot e Faïta (2000, p. 21) como “motricidade”.

¹ Neste texto, o termo sentido do trabalho está sendo empregado com o significado a ele atribuído por Durrive e Schwartz (2008, p. 27): “[...] cada um dá significados múltiplos e moventes ao que vive. Falar de sentido do trabalho é correr o risco de circunscrever o que não pode sê-lo – e eventualmente decretar o sentido em lugar do interessado [...]”.

As diretrizes da Clínica da Atividade viabilizaram a análise coletiva das atividades de trabalho dos docentes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Para tanto foi constituído um grupo constituído por 27 docentes pertencentes às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Desses, três professoras e um professor assumiram o lugar de docentes-protagonistas das situações de trabalho, os quais fotografaram e filmaram cenas do cotidiano de trabalho. De acordo com a abordagem teórico-metodológica que sustentou o estudo, os registros imagéticos (vídeo, fotografias e e-mails) funcionaram como dispositivos dos movimentos dialógicos no grupo, levando os docentes a analisarem, coletivamente, o próprio trabalho a partir das atividades registradas.

RESULTADOS

Os diálogos-dispositivos entrelaçaram debates eivados de vetores que fortalecem o gênero profissional docente universitário (sala de aula da graduação, entre outros espaços de formação, como pesquisa, extensão, visitas técnicas; relações com alunos e egressos; natureza que envolve o campus, momentos de cafezinhos, abraços...); e de vetores que enfraquecem (relações conflituosas entre pares, emissão de pareceres em processos que tratam de questões polêmicas, muitas vezes, as reuniões departamentais, o desconhecimento e a burocratização de algumas atividades de trabalho, políticas de produtividade acadêmica, que geram a intensificação do trabalho), que se misturavam e se hibridizavam nas diferentes situações, enfim, efeitos do viver-trabalhar em universidades públicas brasileiras. O grupo entendeu que os docentes não devem se eximir do debate acerca do que pode diminuir a potência da vida, tais como a competitividade e o produtivismo acadêmicos incentivados pelas agências reguladoras, entre outros fatores. Foram realizados cinco encontros, sendo o último deles dedicado à devolutiva e à validação das análises realizadas no e com o coletivo docente, o que não significa que o processo de devolutiva e validação não tenha se efetivado ao longo do processo de pesquisa. Nesse encontro se reiterou que a ampliação do poder de agir do trabalhador implica a produção de estratégias para potencializar o valor incontestável do fazer docente em meio aos já sabidos desafios contemporâneos. Nessa direção, emergiram pistas, propostas e encaminhamentos para que outros modos de viver-trabalhar na Ufes sejam colocados em curso, tais como: elaboração e execução de uma política por parte do Departamento de Recursos Humanos (DRH) e da Secretaria de Assuntos Comunitários (SAC) da Ufes que estabeleça diretrizes dirigidas ao

acolhimento e à formação inicial de funcionários (técnico-administrativos e professores) recém-ingressantes, informando sobre os processos de trabalho na instituição, e também formação em serviço dos que já atuam, devido às alterações nas prescrições das atividades de trabalho, por exemplo, trâmite de processos e mudanças da legislação; ampliação do quadro técnico-administrativo, uma vez que algumas atividades que hoje são realizadas pelos professores, como: preenchimentos de planilhas de interesse dos departamentos e centros de ensino, digitação de pautas e atendimento em colegiados de curso, somente para citar algumas, poderiam ser realizadas por eles visando a diminuir a quantidade de atividades burocráticas do professor; implantação de um banco de dados unificado com informações acadêmicas, técnicas e científicas necessárias à gestão universitária em todos os âmbitos; investimentos na desburocratização de algumas atividades de trabalho, a exemplo do trâmite de processos, entre outras; melhoria da gestão dos equipamentos de informática, principalmente, daqueles a serem usados em salas de aula e laboratórios de ensino; reativação da Comissão de Saúde Docente em face do alto índice de adoecimento de professores.

A pesquisa indicou a importância das análises do trabalho docente universitário do ponto de vista da atividade. Para o grupo de professores, deve-se fazer da análise do trabalho uma estratégia importante na ampliação do poder de agir dos docentes na Universidade Pública. Mas, entende que, para isso, é necessário construir situações que viabilizem movimentos dialógicos, como as que foram proporcionadas pelo espaço aberto por esta pesquisa. Em várias ocasiões, durante os encontros, os participantes perguntavam: *Vamos continuar nos reunindo para falar do nosso trabalho?* Ora afirmavam: *Devemos nos encontrar sempre, isso é preciso. Foi muito interessante esta pesquisa, nós conversamos, analisamos mesmo o nosso trabalho! Mas, como instituir um ethos marcado pela disponibilidade dialógica na universidade?*

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

ALVAREZ, D. **Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica?** Rio de Janeiro: Myrrha, 2004.

BENEVIDES DE BARROS, R. **Grupo: a afirmação de um simulacro.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho.** Tradução de Adail Sobral. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. La formation par l'analyse du travail: pour une troisième voie. In: MAGGI, B. (Dir.). **Manières de penser, manières d'agir en éducation et en formation.** Paris: PUF, 2000. p. 133-156. Tradução de Cláudia Osório da Silva, Kátia Santorum e Suyanna Barker.

DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. Glossário da ergologia. **Laboreal**, v. 4, n. 1, p. 23-28, 2008. Disponível em: <<http://laboreal.up.pt>>. Acesso em: 20 out. 2011.

FAÏTA, D. **Análise dialógica da atividade profissional.** Rio de Janeiro, 2005.

KASTRUP, V. Pista 2: o funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

OSÓRIO, C. **Vida de hospital: a produção de uma metodologia para o desenvolvimento da saúde do profissional de saúde.** 2002. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Rio de Janeiro, 2002.

OSÓRIO, C.; PACHECO, A. B.; GARRÃO, J. M. G. Psicologia do trabalho e saúde do trabalhador: desafios metodológicos. In: VERTHEIN, M. A. R.; BRAGA, M. P.; VERGNE, C. de M. (Org.). **Multifaces das práticas em psicologia do trabalho: impasses e criação.** Niterói: UFF, 2010. cap. 1, p. 160-181.

SANTOS-FILHO, S. B.; BARROS, M. E. B. de. (Org.). **Trabalhador da saúde: muito prazer! protagonismo dos trabalhadores na gestão do trabalho em saúde.** Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana.** Niterói: EdUFF, 2007.

SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. dos R. **Trabalho intensificado nas federais.** São Paulo: Xamã, 2009.